

A Rua Como Palco de Cultura Viva: Entrevista com Alexandre Santini

Miriane Peregrino¹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v14i26.59704>

Resumo: Entrevista com o gestor cultural, dramaturgo e pesquisador, Alexandre Santini, realizada, de forma remota, no âmbito do projeto "Performances em falares portugueses". O presente texto apresenta a relação do entrevistado com o teatro de rua, discutindo o conceito de cultura viva e o contexto da produção cultural durante a pandemia de 2020.

Palavras-chave: Cultura viva; Arte pública; Tá na rua; Teatro; Pandemia.

La Calle como Escenario de la Cultura Viva: Entrevista con Alexandre Santini

Resumen: Entrevista con Alexandre Santini, gestor cultural, dramaturgo e investigador, realizada a distancia como parte del proyecto "Performances en lengua portuguesa". Se presenta la relación del entrevistado con el teatro de calle y se debate el concepto de cultura viva y el contexto de la producción cultural durante la pandemia de 2020.

Palabras clave: Cultura viva; Arte público; Tá na rua; Teatro; Pandemia.

The Street as a Stage of Living Culture: Interview with Alexandre Santini

Abstract: Interview with the cultural manager, play wright and researcher, Alexandre Santini, carried out, remotely, within the scope of the project "Performances in Portuguese speaks". This paper presents the interviewed's relationship with street theater, discussing the concept of living culture and the contexto of cultural production during the 2020 pandemic.

Keywords: Living culture; Publicart; It's on the street; Theatre; Pandemic.

¹ Miriane Peregrino. Doutora em Letras pela UFRJ. Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ/UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: miriane.peregrino@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4410-347X>

A Rua Como Palco de Cultura Viva: Entrevista com Alexandre Santini²

“Performances em falares portugueses” com Alexandre Santini (Brasil)

Alexandre Santini é formado em Teoria do Teatro pela UNIRIO, com mestrado em Cultura e Territorialidades pela UFF. Foi diretor de Cidadania e Diversidade Cultural no Ministério da Cultura (2015/2016), diretor do Teatro Popular Oscar Niemeyer (2017/2021) e Secretário das Culturas de Niterói (2022-2023). Santini é autor do livro “Cultura Viva Comunitária: Políticas Culturais no Brasil e na América Latina”. É também fundador e docente da Escola de Políticas Culturais. Contribuiu ativamente na formulação das Leis Cultura Viva e Aldir Blanc 1 e 2. Professor convidado em programas de pós-graduação da FLACSO (Argentina) e da Universidade Andina Simón Bolívar (Equador), participou, como palestrante, conferencista e artista, de encontros, seminários e congressos no Chile, México, Nicarágua, Costa Rica, Portugal, França, Holanda, Reino Unido, entre outros. Atualmente é presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa.

MP: Bom dia! Aqui é Miriane Peregrino e está no ar o Cabe Mais 1, o podcast do Jornal Literatura Comunica. E hoje nós iniciamos a série “Performance em falares portugueses”, onde discutiremos as múltiplas formas de se fazer e pensar a arte da palavra em Países de Língua Portuguesa. Essa série de Podcast também é uma maneira de divulgação científica da minha pesquisa acadêmica sobre arte performativa nessas primeiras décadas do século XXI. Nosso primeiro Episódio, *A rua como palco de cultura viva*, tem como convidado Alexandre Santini, diretor do Teatro Popular Oscar Niemeyer, em Niterói, estado do Rio de Janeiro, Brasil. (...) Alexandre

² A entrevista aqui transcrita faz parte do projeto “Performances em falares portugueses” que consiste numa série de entrevistas iniciada em 2021 e fez parte da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida entre 2020 e 2021 no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität ZuKöln, Alemanha. Além de Santini, também foram entrevistados Alvim Cossa (Moçambique) e Elisângela Rita (Angola). No formato áudio, as entrevistas são divulgadas no Podcast Cabe Mais 1:

<https://www.audacy.com/podcast/podcast-cabe-mais1-c93e4/episodes>. A entrevista com Alexandre Santini, em áudio, está no EP 08 que foi ao ar em janeiro de 2021. A presente transcrição foi realizada por Vitor Manoel Fortunato dos Santos, graduando em Letras pela UFRJ e bolsista de iniciação científica no projeto “A expansão dos campeonatos de *poetry slam* em países de língua portuguesa” que coordeno no âmbito do Programa de Apoio ao Jovem Pesquisador Fluminense da FAPERJ (E_40/2021).

Santini, seja muito bem-vindo! É um prazer ter você aqui, nesse podcast, com a gente. E muito obrigada, mais uma vez, por ter aceito o convite. Gostaria de começar perguntando como foi o seu encontro com o teatro, mais especificamente, com o teatro de rua e com o grupo *Tá na rua*.

Alexandre Santini: Bom, Miriane, primeiro eu fico muito feliz de te reencontrar e ver você nesse momento, nessa pesquisa, tendo feito essa trajetória, né? É muito bacana, acho que tem muito a ver com o que a gente também viveu e construiu lá atrás, desde o *Tá na rua*, o Cultura Viva, tudo isso que de certa maneira permeou a minha trajetória até aqui e, em grande medida, vejo que a sua também. Então, isso aí é muito bacana, a gente poder compartilhar essas experiências a partir dessa perspectiva comum. É... e o meu encontro com teatro, ele se deu antes do... propriamente da entrada do *Tá na rua*. Eu cheguei no grupo em dezembro de 2001, mas antes disso a minha trajetória sempre tinha sido muito pautada pelo teatro, desde muito cedo, e também pela questão política, desde muito cedo. Eu venho de uma família politizada. Eu, muito cedo, comecei a me envolver também com movimento estudantil, desde Grêmio, entidades estudantis... Então foi nessa construção também, sempre entre a política e o teatro, assim, que eu fui construindo a minha vida. E aí, é, eu fui fazer faculdade na UNIRIO, de Artes Cênicas, mas eu não me encontrava muito ali naquela formação de teatro muito voltada pro teatro realista, pra uma certa profissionalização mais no campo do teatro comercial e tudo. Não era muito o que eu buscava, o que eu gostava, com o teatro, mas... E comecei a fazer também, aí, umas experiências de performance, arte pública, na própria UNIRIO também, em alguns festivais que eu participei no México, trabalhando com a questão dos desaparecidos políticos da América Latina. Mas me faltava uma certa linguagem mesmo, quer dizer, como fazer. Ainda era uma experiência muito, assim, que a gente fazia de forma empírica, mas sem uma formação específica pra esse trabalho de rua, da ocupação cultural dos espaços públicos. E aí a chegada ao *Tá na rua* que, em princípio, se deu como ator, como brincante, ali, daquele teatro de rua, daquelas manifestações sob a liderança, ali, do Amir [Haddad], mas certamente o *Tá na rua* me ensinou muito mais do que o teatro ou a partir do teatro que se ensina ali. A gente pôde olhar pra outras questões do mundo. Eu acho que o Amir, o *Tá na rua*, tem muito essa característica também

porque, a partir do teatro, observando as relações com a cidade, com a sociedade, de um modo geral, com as questões políticas da atualidade e tal... Então a gente, eu pude, no *Tá na rua*, de certa forma, exercitar, todo esse trabalho de atuação pública no sentido mais amplo mesmo. Tanto a dimensão política, ali, da constituição da política pública, das lutas pela própria manutenção, ali, do espaço do *Tá na rua*. A questão, depois veio a lei das Artes públicas. Quando você olha a trajetória, você percebe que também, a partir dali, do *Tá na rua* se criou e se mantém toda uma articulação, todo um movimento. Então, isso aí, isso me influenciou decisivamente. Inclusive, a opção por ir pro caminho mais da gestão cultural, acabou acontecendo no próprio *Tá na rua*, com o Pontos de Cultura, que foi esse projeto que você conheceu, participou... Vivenciamos lá porque o Cultura Viva abriu, descortinou também pra mim, um outro caminho, novo e que... do qual eu ainda sigo, que é pensar as políticas culturais, as políticas públicas de cultura, essa relação também com a América Latina. Tudo isso que foi se construindo aí nos últimos anos, e que ainda se mantém apesar do momento difícil que a gente vive no Brasil.

MP: Santini, eu estava aqui te escutando e passou um filme na minha cabeça. Eu lembro que antes de ser Agente Cultura Viva, lá no *Tá na rua*, eu e um grupo de colegas da faculdade, nós fomos assistir o "Dar não Dói, o que Dói é Resistir", que vocês encenavam no Largo da Carioca, toda sexta-feira. Isso lá pra 2005, 2004, mais ou menos. E foi um espetáculo que eu assisti, até participei algumas vezes também, que me marcou muito na época, Era uma reelaboração da história do Brasil, da ditadura militar na rua, né? Era muito impressionante. E, de lá pra cá, apesar desses avanços que a gente teve, aí, na política, a gente também caiu num grande negacionismo histórico, num conservadorismo, aí, da extrema direita. É um salto muito complexo, difícil de entender, de digerir, mas, é... voltando aqui ao nosso tema, eu gostaria também que você falasse um pouco sobre o seu livro, "Cultura Viva Comunitária: Políticas Culturais no Brasil e na América Latina", que você publicou pela ANF Produções, em 2016. Eu sei que esse livro, ele nasceu da sua atuação como gestor cultural e da sua dissertação de mestrado na UFF, mas eu queria de saber como você trabalha esse conceito e quais são os pontos de aproximação ou de

diferenças aí entre a Cultura Viva Comunitária no Brasil e em outros países, que você pesquisou, trabalhou, enfim.

Alexandre Santini: Você se refere, aí, ao espetáculo “Dar não Dói, o que Dói é Resistir”, que a gente fez no *Tá na rua*, de 2003 a 2010, mais ou menos, porque depois ele foi sendo adaptado de outras formas. E era interessante porque era uma abordagem parecida com a do teatro de revista, que é contando episódios históricos, de uma forma, evidentemente, irreverente, bem-humorada, como é próprio do teatro de rua. Chegamos a levar esse espetáculo pra França, enfim, pra várias praças do Brasil também. E era de fato um momento aonde o Brasil estava, vamos dizer assim, poderíamos dizer que, naquele período estávamos vivendo o governo Lula, a gestão do Gilberto Gil no Ministério da Cultura, o início ali também do Cultura Viva, dos Pontos de Cultura, né? Então a gente podia falar que havia um clima de reencontro do Brasil consigo mesmo, algo muito diferente do que a gente experimenta nos dias de hoje [2021]. E, nesse contexto, foram produzidas políticas culturais emancipatórias, dentre elas, o Cultura Viva, os Pontos de Cultura, particularmente com o qual, a partir dali, daquele momento ali do *Tá na rua*, fui tendo uma relação, uma participação muito intensa, chegando mesmo a participar da gestão do programa, em alguns momentos. A aproximação com a América Latina, ela se deu inicialmente pelos próprios agentes culturais, grupos, organizações culturais comunitárias de outros países que começaram a conhecer e a entender que aquela política pública poderia ser efetiva também nos seus contextos e realidades nacionais. Teve um momento importante disso aí que foi o Fórum Social Mundial, em 2009, realizado em Belém, onde vários grupos de países como Argentina, Colômbia, Peru e tal tomam contato com a experiência dos Pontos de Cultura de uma forma mais sistematizada. Teve um seminário, um debate sobre esse tema [no Fórum]. E você começa a ter movimentações pela sociedade civil e, depois, governos fazendo, criando políticas. Interessante essa mudança de *status*, do conceito, porque, na América Latina, se incorporou esse nome “Cultura Viva Comunitária”, se incorporou essa dimensão aí do “comunitário” porque, de fato, já havia, antes mesmo dos Pontos de Cultura, de isso surgir como política pública no Brasil, já havia esse conceito da Cultura Comunitária bastante desenvolvido na América Latina. O teatro comunitário... existe uma rede

latino-americana de teatro comunitário. O conceito de Cultura Comunitária, ele é mais... ele vem das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), em alguns países como na Colômbia, na América Central, né? Então já havia esse conceito de Cultura Comunitária desenvolvido e a questão da Cultura Viva Comunitária foi um conceito que acabou unificando. É o que eu chamo de um repertório comum pra pensar as políticas culturais na América Latina, e que é o que eu trato no livro basicamente, reconstituindo uma linha do tempo desse processo no Brasil e, também, como se deu isso na América Latina. O livro aborda de forma mais detida esse processo aí, histórico, essa linha de tempo que foi sendo construída. E acho que hoje, quer dizer, existe, de fato, na América Latina, uma compreensão comum, a vários países. Hoje existe já um programa intergovernamental que integra mais de 11 países também, que é o IberCultura Viva, um programa da SEGIB - OEI, Organização dos Estados Ibero-Americanos, Secretaria-Geral Ibero-Americana. Então, acho que, nesse sentido, aquilo que foi plantado lá atrás deu frutos, ainda que no Brasil a gente esteja vivendo um contexto de retrocesso [2021], muito grande, em vários sentidos, na questão democrática, mas também, particularmente, na questão das políticas culturais.

MP: Alexandre, nós tivemos, aí, uma grande interrupção da arte na rua ao longo desse último ano de 2020 por conta do Corona, mas muito já se produziu e muito ainda está pra ser produzido nas ruas. E você, que vive e sente a rua como um palco para as artes, também para as artes políticas... Qual a importância dessa ocupação das ruas pra você, não só pelo teatro, mas também pela música, pelos *slams*? Gostaria que você falasse um pouco disso, da importância da ocupação da rua pela arte.

Alexandre Santini: Então, eu acho que a arte de rua, ela foi afetada como toda a manifestação artística, todo o setor cultural foi afetado pela pandemia, né? Não é algo específico em relação a arte de rua. Afeta os teatros, os cinemas, afeta a indústria cultural, afeta tudo. Mas, evidentemente que a arte de rua fica prejudicada também nesse contexto. Ao mesmo tempo, acho que o espaço público, no sentido mais geral (aí, não estamos falando especificamente das artes performativas, mas também), ele permite possibilidades de utilização artística dele pra além de outras possibilidades de

utilização, que os espaços, teatros, galerias, cinemas etc. e tal, não têm. Eu estou vendo, por exemplo, um fortalecimento ou uma expansão do muralismo, por exemplo. No caso, aqui, no Brasil, tenho percebido que os recursos, que seriam aplicados em artes performativas ou em eventos, estão sendo, em alguns casos, repassados pra experiências de pinturas gigantes em fachadas de prédio. Acho que tem um espaço aí pra pensar intervenções no espaço público, instalações. Coisas que dialoguem ou que interpelem as pessoas na rua, até sobre a situação mesmo real, de uma forma que mantém a distância, que não gere aglomeração. Acho que essas coisas que estão sendo feitas, por exemplo, nas varandas, nas casas, nas janelas das casas... isso tudo é arte pública. De uma certa forma também é a intervenção artística cultural no espaço público... Acho que isso aí também, é... tem uma coisa que essa pandemia do coronavírus também nos deve ter resgatado, de alguma forma, ou deveria nos resgatar, de alguma forma, é o sentido de coletividade, de que somos todo mundo parte da mesma humanidade, nós estamos na mesma viagem, nesse tempo histórico. Então, se a gente perceber, eu acho que esses movimentos que desencadeiam ações numa lógica de rede e que estão acontecendo de uma forma ou de outra em todo o mundo, eles são bastante interessantes também do ponto de vista de se pensar uma arte dos espaços públicos. E aí não estou me referindo especificamente a teatro ou *slam* ou qualquer coisa, estou falando de como, artisticamente e culturalmente, você consegue interferir no cotidiano através de uma coisa que rompa com o meramente normal ali, quando você rompe ali aquele cotidiano de alguma forma.

MP: Alexandre, eu estou muito feliz em te ouvir. Estou muito feliz que você topou participar e eu acho que a gente pode terminar essa conversa falando um pouco sobre o Teatro Popular Oscar Niemeyer. Eu tenho um carinho muito grande por esse teatro. Ele fez parte do meu cotidiano durante muitos anos ali, porque eu morei justamente na rua São João, bem em frente, né? A minha janela era bem em frente ao terminal João Goulart, e também, logicamente, em frente ali ao Teatro Popular Oscar Niemeyer. Era uma paisagem que fazia parte do meu cotidiano e o teatro, ele traz um movimento, ele tem uma beleza do movimento ali já na imagem daquela bailarina que ilustram os azulejos do teatro, também naquele painel gigante que tem na entrada, o pátio do teatro, que é gigante. Vocês realizam muitas atividades ali no pátio também.

E o teatro também tem um palco reversível, que dá pra movimentar pra área externa, não é isso? Ele vira, se eu não me engano, pra área externa. Fora isso, o próprio teatro carrega “popular” no nome, então eu queria que você falasse um pouco pra gente sobre o teatro de rua a partir do Teatro Oscar Niemeyer. Será que é possível a gente dizer que o Teatro Popular Oscar Niemeyer é um teatro de rua? Obviamente que ele não é, mas ele é voltado pra rua, o que você acha?

Alexandre Santini: Olha, realmente, ter tido a oportunidade, nesses quatro anos, de dirigir o Teatro Popular Oscar Niemeyer, pra mim, foi muito significativo e eu tenho uma memória muito bonita porque eu estudava... Quando era estudante secundarista, eu estudei no Pedro II, no ensino médio, e eu morava em Niterói. Minha mãe, né, sempre morou em Niterói. Eu ficava entre a casa dela, em Niterói, e a do meu pai, no Rio. Então eu vi aquele teatro sendo erguido. Isso era final da década de 90, começo dos anos 2000... não, final da década de 90. [Eu] era secundarista ainda, 96/97... Eu via ele sendo erguido, as fundações e tal, foi uma construção também que demorou bastante tempo... e o próprio funcionamento dele a pleno, acabou só vindo a acontecer há poucos anos atrás... Mas é justamente pelas características que ele tem, quer dizer, que ele traz a rua pra dentro do teatro de uma certa forma, né? O próprio teatro enquanto espaço de circulação. Então é... ele tem aquele foyer inferior, foyer superior... a sala de espetáculo, ela tem um janelão, quer dizer, ela é aberta. A ideia de um teatro, realmente, é voltado pra fora. E acho que isso tem tudo a ver com a vocação que a gente procurou dar ao teatro, aí já na gestão dele mesmo, no que a gente pensou a curadoria e tal. Inclusive, tive a oportunidade também de a gente fazer uma homenagem ao Amir Haddad, ao *Tá na rua*, no *Festival Niterói em Cena*, que aconteceu no ano passado, 2019. E, justamente, obviamente, ele utilizou aquela porta do teatro aberta pra, em duas ocasiões, tanto usando a praça, ali chamada Praça do Povo que é pra onde se abre o palco ali, como área cênica, como também no momento que fez o espetáculo dentro dum palco, utilizou com a porta reversível ali aberta. Então o teatro, ele tem essa característica. Eu tenho pensado e tenho falado muito também agora nesse momento (saiu até uma matéria recentemente no Segundo Caderno do Globo) sobre como que aquele teatro pode ser interessante como lugar pra se pensar a retomada das atividades culturais no pós-pandemia. De fato, a gente já teve agora

algumas experiências de fazer, retomar a programação, no mês de novembro, com presença de público, com 30%, uma presença muito limitada de público, mas o teatro, ele é absolutamente adequado, na medida em que existe uma amplitude de áreas externas com circulação, com ventilação, que permite que, evidentemente com todos os protocolos e cuidados, com máscaras e tal, você consiga ter pessoas ali, sem aglomerações. De qualquer forma, eu acho que ele é um teatro pensado mesmo pra essa abertura, e a gente procurou trabalhar a nossa concepção de programação, de curadoria, de ação no teatro, tendo em mente essa dimensão, também da arquitetura de um teatro, pensando mesmo que seria um teatro popular. Então, do ponto de vista, é de explorar bastante, na programação, as áreas externas e o entorno. Uma série de iniciativas que foram feitas ao longo desse período de quatro anos que a gente estava à frente do teatro, que levou em consideração talvez toda essa trajetória aí que você conhece... do *Tá na rua*, dos Pontos de Cultura, do Cultura Viva no Brasil, na América Latina. De certa forma, isso também permeou a nossa gestão e a nossa atuação lá no teatro. Tá bom? Acho que por aí a gente vai bem. Obrigado!

MP: Eu que te agradeço, Santini. Foi muito bom te escutar, ter esse momento de partilha com você, depois de tanto tempo, né? A gente se conheceu no *Tá na rua*, há 15 anos atrás, como você disse, eu fui Agente Cultura Viva lá e depois, realmente, eu mergulhei na literatura e só recentemente eu tenho revisitado o teatro, agora com um olhar mais interdisciplinar, por conta dessa pesquisa sobre artes performativas. (...) Esse episódio, ele teve apresentação e pesquisa minhas, edição e mixagem de Thiago Kobe, design do Anísio Borba. A gente escutou, na abertura, "Carioca bags", de Thiago Kobe com participação da Marcela Velon, e a gente fecha, agora, com "Café" da banda El Efecto. Até a próxima, gente!